

Etimologia e pronúncia dos nomes dos Squamata do Brasil. Parte 1: Amphisbaenia

Henrique C. Costa¹, Rafael G. Rigolon²

1 Universidade Federal de Juiz de Fora. Instituto de Ciências Biológicas, Departamento de Zoologia, 36036-900 Juiz de Fora, MG, Brasil. E-mail: ccostah@gmail.com

2 Universidade Federal de Viçosa, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Departamento de Biologia Geral, 36570-900 Viçosa, MG, Brasil. E-mail: rafael.rigolon@ufv.br

DOI: [10.5281/zenodo.13308105](https://doi.org/10.5281/zenodo.13308105)

Resumo: Apresentamos aqui a etimologia e uma proposta de pronúncia dos nomes científicos das anfisbênias (Amphisbaenia) do Brasil. Nossa abordagem inclui nomes válidos de 81 espécies, três subespécies, três gêneros e uma família, além dos clados Amphisbaenia e Squamata. A classe e o gênero gramatical de cada nome também são informados e dois nomes específicos são corrigidos para concordar com gênero gramatical do nome genérico ao qual estão ligados.

Abstract: We present here the etymology and a proposed pronunciation of the scientific names of the Brazilian Amphisbaenia. Our approach includes the valid names of 81 species, three subspecies, three genera, and one family, as well as the clades Amphisbaenia and Squamata. The class and grammatical gender of each name are also provided,

and two specific names are corrected to agree with the grammatical gender of the generic name to which they are attached.

Recentemente, publicamos na revista *Herpetologia Brasileira* a etimologia e a pronúncia dos nomes dos crocodilianos e dos quelônios do Brasil (Costa & Rigolon, 2023). Dando continuidade à nossa iniciativa de apresentar a origem dos nomes científicos dos répteis brasileiros, trataremos da grande ordem dos Squamata, com mais de 810 espécies no país e aumentando a cada ano (Guedes et al., 2023). Dada sua enorme diversidade, apresentaremos os Squamata em partes, iniciando aqui com as anfisbênias (Amphisbaenia).

Originalmente classificadas como um grupo de serpentes (Linnaeus, 1758),

as anfisbenas foram mais tarde consideradas uma subordem de Squamata, distinta dos lagartos (Lacertilia) e das serpentes (Serpentes) (Gans, 1978). Hoje, porém, sabemos que alguns lagartos são evolutivamente mais próximos das anfisbenas ou das serpentes que de outros lagartos e que o termo Lacertilia não é filogeneticamente adequado. Portanto, anfisbenas e serpentes são, na verdade, lagartos que desenvolveram corpo alongado e sem pernas ao longo de milhões de anos (Estes et al., 1988; Vidal & Hedges, 2005; Pyron et al., 2013).

As anfisbenas ou anfisbênias – popularmente conhecidas como cobra-de-duas-cabeças, ibijara, mãe-de-saúva, entre outros nomes – possuem diversas adaptações a um modo de vida subterrâneo (fossório), como o crânio robusto usado para escavar e a cauda curta (Gans, 1978). O Brasil possui a maior diversidade do grupo, abrigando 81 das cerca de 200 espécies reconhecidas atualmente – 84 táxons, se incluídas subespécies (Guedes et al., 2023). Para o levantamento da etimologia dos nomes das espécies brasileiras, recorreremos às descrições originais de todos os táxons. Quando a etimologia está presente de maneira explícita na descrição original, citamo-la literalmente, entre aspas, ao final do verbete, antecedida de sua tradução para o português, no caso de descrições em língua estrangeira. Quando necessário, buscamos

dicionários e léxicos (Liddell & Scott, 1883; Brown, 1954; Borrer, 1960) para esclarecer as etimologias. A abreviatura/sigla após cada nome indica a classe gramatical – adjetivo (*adj.*), substantivo no caso nominativo (*s.*), substantivo no caso genitivo (*gen.*), substantivo em aposição (*ap.*) – e o gênero gramatical – feminino (*f.*), masculino (*m.*), neutro (*n.*), feminino ou masculino (*f./m.*) [casos em que o mesmo sufixo é utilizado para ambos os gêneros] – ou ainda, uma combinação arbitrária de letras (*cal*). Importante ressaltar que, segundo o Código Internacional de Nomenclatura Zoológica (ICZN, 1999), em seu artigo 31.2, um nome de espécie ou subespécie que é ou termine em um adjetivo ou um particípio no nominativo singular em latim ou latinizado, deve concordar em gênero com o seu nome genérico.

Apresentamos aqui apenas nomes de gêneros, espécies e subespécies atualmente válidos e reconhecidos no Brasil (Guedes et al., 2023), listados em ordem alfabética. A forma de pronúncia dos nomes científicos aqui apresentada é uma proposta para lusófonos, baseada na obra *A pronúncia do latim científico* (Rigolon, 2019). Para tanto, usamos os grafemas do Alfabeto Fonético Internacional, entre barras, com a seguinte equivalência de grafemas e sons: /ɛ/: som do E em ‘pé’; /ʒ/: som do G em ‘gel’; /j/: som do I em ‘maio’; /ɔ/: som do O em ‘sol’; /r/: som do R em ‘caro’ e

‘mar’; /w/: som de U em ‘cauda’; /tʃ/: som do trígrafo TCH em ‘tchau’. Os demais grafemas têm o mesmo som das respectivas letras na língua portuguesa, em posição de sílaba inicial. O sinal de plica (‘) antecede a sílaba tônica. Assim, por exemplo, *leucocephala* é transcrito no AFI como /lewkoˈsɛfala/.

ETIMOLOGIAS

absaberi. /abˈsaberi/. *gen. m.* Do basônimo *Cercolophia absaberi* Strüssman & Carvalho, 2001 (hoje *Amphisbaena absaberi*): junção de Ab’Saber e -i (sufixo genitivo de nomes masculinos). “A espécie é nomeada em homenagem ao Prof. Aziz Nacib Ab’Saber [1924–2012], ilustre geógrafo brasileiro, que muito contribuiu para o conhecimento dos paleoclimas e geomorfologia do Centro-Oeste brasileiro.” — “*The species is named in honor of Prof. Aziz Nacib Ab’Saber, a distinguished Brazilian geographer, who has contributed much to the knowledge of paleoclimates and geomorphology in midwestern Brazil.*” (Strüssman & Carvalho, 2001).

acangaoba. /akangaˈoba/. *ap. f./m.* Do basônimo *Amphisbaena acangaoba* Ribeiro, Gomides & Costa, 2020: “Na língua indígena tupi, *acangaoba* é enfeite de cabeça, ‘capacete’ ou ‘boné’ por neologismo [...]. Usado aqui como um substantivo em aposição, o nome *acangaoba* refere-se à cabeça altamente abobadada da nova espécie, na

região formada pelas escamas nasais, pré-frontais e frontais.” — “*In the Tupi indigenous language, acangaoba is a head ornament, a ‘helmet’ or ‘cap’ by neologism. Used here as a noun in apposition, the name acangaoba refers to the highly domed head of the new species, in the region formed by the nasal, prefrontal, and frontal scales.*” (Ribeiro et al., 2020).

acrobeles. /akroˈbeles/. *ap. n.* Do basônimo *Anops acrobeles* Ribeiro, Castro-Mello & Nogueira, 2009 (hoje *Amphisbaena acrobeles*): do grego antigo *ákros* (extremo, alto) e *bélos* (objeto pontiagudo). “O epíteto específico é uma referência à [escama] rostral extremamente aguda da nova espécie, bem mais pronunciada que nas outras duas espécies do gênero [*Anops bilabialatus* e *A. kingii*]” — “*The name ‘acrobeles’ from the Greek ákros = distal portion, and, beles = pointed. The specific epithet is a reference to the extremely acute rostral of the new species, much more pronounced than in the other two species of the genus.*” (Ribeiro et al., 2009).

alba. /ˈalba/. *adj. f.* Do basônimo *Amphisbaena alba* Linnaeus, 1758: do latim *albus* (alvo, branco). A descrição apresentada por Carolus Linnaeus (1707–1778) na 10ª edição do seu *Systema Naturae*, que inaugura a Nomenclatura Zoológica, é baseada em um trabalho anterior (Linnaeus, 1754) e uma

descrição do segundo tomo do *Locupletissimi Rerum Naturalium Thesauri*, do zoólogo neerlandês Albertus Seba (1665–1736) (Seba, 1735). Na descrição da “*Serpens, Caecilia, Americana*”, Seba escreveu: “*coloris ex albo rosacei, qualis in flore mali arboris conspictur*” — “de cor branco-rosada, como se observa na flor da macieira”. A figura nº 1 apresentada na 24ª prancha de Seba (1735) mostra uma anfisbena de coloração levemente rosada, identificada por Lineu como *Amphisbaena alba*, onde se lê como única característica descritiva, “*Alba tota*” (“totalmente branca”) (Linnaeus, 1758).

amazonica. /ama'zonika/. *adj. f.* Do basônimo *Amphisbaena fuliginosa amazonica* Vanzolini, 1951: junção de Amazônia e *-ica* (sufixo latino que indica pertencimento), em referência à área de ocorrência do táxon, no vale do rio Amazonas (Vanzolini, 1951).

Amphisbaena. /amfis'bena/. *s. f.* *Amphisbaena* Linnaeus, 1758: do grego antigo *amphís* (ambos) e *baíno* (andar), ou seja, “que caminha para ambos os lados”. A palavra *amphísbaina* era usada desde a Antiguidade para se referir a uma perigosa serpente mítica de duas cabeças. A lendária anfisbena teria sido baseada na espécie *Blanus strauchi*, da Europa. Coincidência ou não, as anfisbenas reais possuem a capacidade de rastejar para frente e para atrás dentro de suas galerias no subso-

lo (Costa & Garcia, 2019).

Amphisbaenia. /amfis'benia/. *s. f.* *Amphisbaenia* Gray, 1844: plural de *amphisbaenium* (da natureza da anfisbena), baseado em *Amphisbaena*. Ver *Amphisbaena*.

Amphisbaenidae. *s. f.* /amfis'benide/. *Amphisbaenidae* Gray, 1825: do gênero *Amphisbaena* e *-idae* [sufixo de família, do grego *eídos* (forma)]: Anfisbenídeos.

anaemariae. /anema'rie/. *gen. f.* Do basônimo *Amphisbaena anaemariae* Vanzolini, 1997: junção de Ana Maria e *-ae* (sufixo genitivo de nomes femininos). “Nomeada em homenagem a Ana Maria Ramos-Costa, amiga de longa data e colega de trabalho.” — “*Named in honor of Ana Maria Ramos-Costa, long time friend and coworker.*” (Vanzolini, 1997). A bióloga Ana Maria Ramos Costa (1946) trabalhou com Paulo Emílio Vanzolini (1924–2013) no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo entre 1971 e 1998, quando se aposentou (Dione Seripierri, *e-mail* a HCC, 2023).

anomala. /a'nomala/. *adj. f.* Do basônimo *Aulura anomala* Barbour, 1914 (hoje *Amphisbaena anomala*): do latim *anomalus* (anômalo). O herpetólogo estadunidense Thomas Barbour (1884–1946) não deixou explícito a

origem do nome, mas é possível que a escolha tenha relação com as características peculiares do único exemplar utilizado na descrição, que lembrava superficialmente as espécies do gênero *Lepidosternon* (= *Leposternon*) (Barbour, 1914).

arda. /'arda/. *ap. f.* Do basônimo *Amphisbaena arda* Rodrigues, 2003 “2002”: do grego antigo *árda* (sujeira), “uma referência ao padrão de coloração sujo da nova espécie, predominantemente branco leitoso com manchas pretas irregulares e dispersas” — “from the Greek ‘arda’, dirty; a reference to the unclean color pattern of the new species, predominantly milky-white with irregular and scattered black spots.” (Rodrigues, 2003). A descrição original traduz *arda* como suja (*dirty*), mas a tradução mais adequada para *arda* é sujeira (*dirt*) (Liddell & Scott, 1883; Brown, 1954).

arenaria. /are'naria/. *adj. f.* Do basônimo *Amphisbaena arenaria* Vanzolini, 1991: do latim *arenarius* (arenário, da areia). “O nome se refere ao habitat eminentemente arenoso da espécie” — “The name refers to the eminently sandy habitat of the species.” (Vanzolini, 1991a).

arenicola. /are'nikola/. *adj. f.* Do basônimo *Amphisbaena arenicola* Perez & Borges-Martins, 2019: do latim *arenicola* (arenícola). “O epíteto especí-

fico *arenicola* é um adjetivo derivado da palavra latina para viver na areia. Este nome foi escolhido porque este é o único táxon do grupo de espécies que habita principalmente habitats arenosos (áreas de restinga)” — “The specific epithet *arenicola* is an adjective derived from the Latin word for living in the sand. This name was chosen because this is the only taxon of the species-group inhabiting mainly sandy habitats (Restinga areas).” (Perez & Borges-Martins, 2019).

bahiana. /bai'ana/. *adj. f.* Do basônimo *Amphisbaena bahiana* Vanzolini, 1964: junção de Bahia e *-ana* (sufixo latino gentílico), em referência à procedência dos exemplares usados na descrição do táxon (Vanzolini, 1964).

bedai. /'bedai/. *gen. m.* Do basônimo *Bronia bedai* Vanzolini, 1991 (hoje *Amphisbaena bedai*): junção de Béda e *-i* (sufixo genitivo de nomes masculinos), em homenagem ao zoólogo e professor na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em Aquidauana/MS, Arlindo Figueiredo Béda, que “cedeu todos os exemplares da nova espécie, como parte da valiosa coleção de répteis pantaneiros que ele monta no Museu” — “named after A. F. Béda (...) Arlindo Figueiredo Béda, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul at Aquidauana, provided all specimens of the new species, as part of the valuab-

le collection of pantanal reptiles he is mounting in the Museum.” (Vanzolini, 1991b).

bilabialata. /bilabia'lata/. *adj. f.* Do basônimo *Anops bilabialatus* Stimson, 1972 (hoje *Amphisbaena bilabialata*): junção do latim *bi-* (dois, dobro) e *labialatus* (labiado), ou seja, “com dois lábios”. Segundo o zoólogo do Museu Britânico de História Natural, Andrew Francis Stimson (1940), o nome deriva do ‘novo latim’ *labiala*, palavra que, na verdade, é inexistente (Vanzolini, 1999). “A nova espécie é denominada *bilabialatus* em referência às duas supralabiais, tomando o novo latim *labiala* como equivalente a uma escama labial.” — “*The new species is named bilabialatus with reference to the two supralabials, taking new latin labiala as equivalent to a labial scale.*” (Stimson, 1972).

brasiliana. /brazili'ana/. *adj. f.* Do basônimo *Bronia brasiliana* Gray, 1865 (hoje *Amphisbaena brasiliana*): junção de Brasil e *-ana* (sufixo gentílico), em referência à procedência dos exemplares usados na descrição do táxon (Gray, 1865).

brevis. /'brevis/. *adj. f./m.* Do basônimo *Amphisbaena brevis* Strüßmann & Mott, 2009: do latim *brevis* (curto), devido ao baixo número de anéis corporais da espécie. “O nome específico é derivado da palavra latina *brevis*, que

significa curto. Refere-se à aparência geral do holótipo e chama atenção para a característica mais notável desta espécie de dois poros: o menor número de anéis corporais entre todas as espécies atualmente conhecidas no gênero *Amphisbaena*.” — “*The specific name is derived from the Latin word brevis, meaning short. It refers to the general appearance of the holotype, and addresses the most remarkable trait of this two-pored species: the lowest number of body annuli among all species presently known in the genus Amphisbaena.*” (Strüßmann & Mott, 2009)

caetitensis. /kaeti'tensis/. *adj. f./m.* Do basônimo *Amphisbaena caetitensis* Almeida et al., 2018: junção de Caetité e *-ensis* (sufixo gentílico), em referência à procedência dos espécimes. “O nome da espécie se refere à sua localidade-tipo, município de Caetité, estado da Bahia, Brasil” — “*The name of the species refers to its type-locality, Caetité municipality, Bahia State, Brazil.*” (Almeida et al., 2018).

caiari. /kaj'ari /. *ap. m.* Do basônimo *Amphisbaena caiari* Teixeira Jr. et al., 2014. “O epíteto específico *caiari* é o antigo nome indígena, na língua Tupi, para o Rio Madeira, cujas margens são habitadas pela nova espécie.” — “*The specific epithet caiari is the ancient indigenous name, from the Tupi language, for the Madeira River, whose*

banks are inhabited by the new species.” (Teixeira Jr. et al., 2014).

camura. /ka'mura/. *adj. f.* Do basônimo *Amphisbaena camura* Cope, 1862: Do latim *camur* (arqueado, curvado). O paleontólogo e zoólogo estadunidense Edward Drinker Cope (1840–1897) não foi explícito quanto à etimologia do nome da espécie, mas possivelmente fez uma referência ao formato do focinho dos exemplares, em perfil. “Focinho abruptamente contraído, curto, mais alto que largo; inchado e arqueado em perfil.” — “*Muzzle abruptly contracted, short, higher than broad; swollen arched in profile*”. (Cope, 1862).

carli. /'karli/. *gen. m.* Do basônimo *Amphisbaena carli* Pinna et al., 2010: junção de Carl e *-i* (sufixo genitivo de nomes masculinos), em homenagem ao cientista teuto-estadunidense Carl Gans (1923–2009), referência internacional no estudo sobre anfisbenas. “*Amphisbaena carli* é nomeada em homenagem a Carl Gans (*in memoriam*), pesquisador que contribuiu imensamente para o conhecimento das anfisbênias e cujos trabalhos foram fundamentais para a produção deste artigo.” — “*Amphisbaena carli is named after Carl Gans (in memoriam), a researcher who contributed immensely to the knowledge of amphisbaenians and whose works were fundamental to the production of this paper.*” (Pinna et al., 2010).

carvalhoi. /kar'valoi/. *gen. m.* Do basônimo *Amphisbaena carvalhoi* Gans, 1965: junção de Carvalho e *-i* (sufixo genitivo de nomes masculinos), em homenagem ao zoólogo brasileiro Antenor Leitão de Carvalho (1910–1985), do Museu Nacional (Rio de Janeiro). “É um prazer dar à nova forma o nome *Amphisbaena carvalhoi* em homenagem ao coletor, Sr. Antenor Leitão de Carvalho, em reconhecimento por suas contribuições ao nosso conhecimento da herpetofauna do nordeste do Brasil e em gratidão por sua assistência e hospitalidade.” — “*It is as pleasure to name the new form Amphisbaena carvalhoi after the collector, Sr. Antenor Leitão de Carvalho, in recognition of his contributions to our knowledge of the herpetofauna of northeastern Brazil and in gratitude for his assistance and hospitality.*” (Gans, 1965).

cerradense. /sera'dense/. *adj. n.* Do basônimo *Leposternon cerradensis* Ribeiro et al., 2008 (hoje *Leposternon cerradense*, aqui proposto): junção de Cerrado e *-ense* (sufixo gentílico). “O epíteto específico ‘*cerradensis*’ refere-se à ecorregião das savanas brasileiras centrais (no Brasil Central), onde a nova espécie foi coletada.” — “*The specific epithet ‘cerradensis’ refers to the central Brazilian savannas ecoregion (in Central Brazil), where the new species was collected.*” (Ribeiro et al., 2008).

Nota: a edição vigente do Código Internacional de Nomenclatura Zoológica (ICZN, 1999) regulamenta em seu artigo 31.2 que (tradução nossa) “Um nome de grupo-espécie, se for ou terminar em adjetivo ou particípio latino ou latinizado no nominativo singular, deve concordar em gênero com o nome genérico com o qual está a qualquer momento combinado.” Uma vez que *Leposternon* (vide abaixo) é um nome de gênero neutro e o nome da espécie é um adjetivo em latim, adotamos a grafia corrigida *Leposternon cerradense*, no lugar da original *L. cerradensis*.

crisae. /'krize/. *gen. f.* Do basônimo *Amphisbaena crisae* Vanzolini, 1997: junção de Cris e *-ae* (sufixo genitivo de nomes femininos), em homenagem à bióloga Maria Cristina Oliveira Lima Murgel (1964), amiga e antiga estagiária de Paulo Emílio Vanzolini, à época “coordenadora de um inventário biológico do Mato Grosso em curso, instituído pela Secretaria de Planejamento do estado (Seplan), que tornou mandatória a publicação da presente espécie.” — “*Named in honor of Maria Cristina Oliveira Lima Murgel, coordinator of an ongoing biological survey of Mato Grosso, instituted by the state’s Secretariat of Planning (SEPLAN), that made it mandatory to publish the present species.*” (Vanzolini, 1997).

cuiabana. /kuja'bana/. *ap. f.* Do basônimo *Cercolophia cuiabana* Strüss-

man & Carvalho, 2001 (hoje *Amphisbaena cuiabana*): junção de Cuiabá e *-ana* (sufixo gentílico). “O nome específico é um substantivo empregado para designar todas as mulheres nascidas em Cuiabá, capital do estado do Mato Grosso.” — “*The specific name is a noun employed to designate all those (female) people born in Cuiabá, the capital of Mato Grosso State.*” (Strüssman & Carvalho, 2001).

Nota: embora gramaticalmente a palavra *cuiabana* seja um adjetivo feminino, a descrição de *Cercolophia cuiabana* deixa explícito que o nome específico deve ser tratado como um substantivo (em aposição). A edição vigente do Código Internacional de Nomenclatura Zoológica (ICZN, 1999) regulamenta em seu artigo 34.2.1 que (tradução nossa): “Se um nome de grupo-espécie for um substantivo em aposição, sua terminação não precisa concordar em gênero com o nome genérico com o qual está combinada e não deve ser alterada para concordar em gênero com o nome genérico”. Isso significa que se no futuro o nome *cuiabana* for combinado a um nome genérico cujo gênero gramatical seja masculino ou neutro, sua terminação não deve ser alterada para *cuiabanus* ou *cuiabanum*.

cunhai. /'kunai/. *gen. m.* Do basônimo *Amphisbaena cunhai* Hoogmoed & Avila-Pires, 1991: junção de Cunha e *-i* (sufixo genitivo de nomes masculinos),

em homenagem a Osvaldo Rodrigues da Cunha (1928–2011), herpetólogo brasileiro e fundador do setor de Herpetologia do Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém/PA, “(...) em reconhecimento às suas contribuições para o conhecimento dos répteis amazônicos.” — “*The species is named in honour of Osvaldo Rodrigues da Cunha, in recognition of his contributions to our knowledge of the Amazonian reptiles.*” (Hoogmoed & Avila-Pires, 1991).

darwinii. /da'rwini/. *gen. m.* Do basônimo *Amphisbaena darwinii* Duméril & Bibron, 1839: junção de Darwinius (forma latinizada de Darwin) e -i (sufixo genitivo de nomes masculinos), em homenagem ao notório naturalista britânico Charles Robert Darwin (1809–1882), que coletou alguns dos espécimes usados na descrição desta espécie, enquanto visitava o Uruguai. “Observamos vários espécimes na coleção do Sr. Darwin, que os havia coletado no mesmo país.” — “*Nous en avons observé plusieurs exemplaires dans la collection de M. Darwin, qui les avait recueillis dans le même pays.*” (Duméril & Bibron, 1839).

dubia. /'dubia/. *adj. f.* Do basônimo *Amphisbaena dubia* Müller, 1924: do latim *dubius* (dúbio/duvidoso). O único espécime usado para descrever esta espécie era um jovem sem poros pré-cloacais (às vezes denominados pré-anais), por onde as anfisbêneas liberam

secreções para comunicação química, sendo considerados caracteres taxonômicos cujo número e posição variam entre as espécies. O naturalista germânico Lorenz Müller (1868–1953) considerava, com dúvidas, *Amphisbaena dubia* parecida com *Amphisbaena steindachneri*. “O único espécime que tenho não possui os poros pré-anais. Porém, por se tratar obviamente de um animal mais jovem, não se pode afirmar com certeza que o adulto também não possui poro pré-anal, o que torna incerta sua classificação no sistema. Gostaria, portanto, de colocar a nova espécie com reservas nas proximidades de *Amphisbaena steindachneri* Strauch, da qual se diferencia pela ausência do sulco atrás da cabeça, pela cauda grossa que não é comprimida na extremidade, e pelo maior número de anéis corporais.” — “*Dem einzigen mir vorliegenden Exemplar fehlen die Praeanalporen. Da es sich aber augenscheinlich um ein jüngeres Tier handelt, kann nicht mit Sicherheit behauptet werden, dass auch das erwachsene kein Praeanalporen besitzt und die Einreihung in das System wird dadurch unsicher. Ich möchte daher die neue Art mit Vorbehalt in die Nähe von Amphisbaena steindachneri Strauch stellen, von der sie sich durch das Fehlen der Furche hinter dem Kopf, den dicken, am Ende nicht zusammengedrückten Schwanz und die höhere Zahl der Körperringe unterscheidet.*” (Müller, 1924).

filiformis. /fili'fɔrmis/. *adj. f./m.* Do basônimo *Amphisbaena filiformis* Ribeiro et al., 2016: de uma combinação do latim *filum* (fio) e *formis* (forma) “em referência ao formato corporal esguio característico da nova espécie.” — “*The specific epithet filiformis is formed from the Latin words filum (= thread) and forma (= shape) in reference to the slender body shape characteristic of the new species.*” (Ribeiro et al., 2016).

frontalis. /fron'talis/. *adj. f./m.* Do basônimo *Amphisbaena frontalis* Vanzolini, 1991: do latim *frontalis* (frontal). “O nome se refere à forma muito característica das escamas frontais da nova espécie” — “*The name refers to the very characteristic shape of the frontal scales of the new form.*” (Vanzolini, 1991a).

fuliginosa. /fulizi'nɔza/. *adj. f.* Do basônimo *Amphisbaena fuliginosa* Linnaeus, 1758: do latim *fuliginosa* (fuliginosa, coberta de fuligem), em referência ao padrão de cor com manchas pretas e brancas, lembrando fuligem. A descrição apresentada por Linnaeus (1707–1778) na 10ª edição do seu *Systema Naturae*, que inaugura a nomenclatura zoológica, é baseada em trabalhos anteriores seus (Linnaeus, 1749, 1754), do britânico John Ray (1627–1705) (Ray, 1693) e dos neerlandeses Albertus Seba (1665–1736) (Seba, 1735) e Laurens Theodorus Gronovius (1730–1777) (Gronovius, 1754). “*Albo*

nigroque varia.” (“variegada em branco e preto”) (Linnaeus, 1758).

hastata. /as'tata/. *adj. f.* Do basônimo *Amphisbaena hastata* Vanzolini, 1991: do latim *hastatus* (em forma de lança, armado de hasta). “O nome refere-se ao padrão dos segmentos na parte anterior do dorso.” — “*The name refers to the pattern of the segments on the anterior dorsum.*” (Vanzolini, 1991c).

heathi. /'eati/. *gen. m.* Do basônimo *Amphisbaena heathi* Schmidt, 1936: junção de Heath e *-i* (sufixo genitivo de nomes masculinos), em homenagem ao embriologista e zoólogo estadunidense Harold Heath (1868–1951), membro da expedição Hopkins-Branner ao Brasil em 1911, quando os exemplares usados para descrição desta espécie foram coletados (Beolens et al., 2011). “A coleção se deve aos esforços do Dr. Harold Heath, da Universidade de Stanford” — “*The collection is due to the efforts of Dr. Harold Heath, of Stanford University.*” (Schmidt, 1936).

hiata. /i'ata/. *cal.* Do basônimo *Amphisbaena hiata* Montero & Céspedes, 2002: do latim *hiatus* (lacuna, hiato), devido ao espaço separando os poros pré-cloacais dos indivíduos da espécie. “O nome específico vem da palavra latina *hiatus*, que significa lacuna, em referência à lacuna entre os poros pré-cloacais, que é uma característica distintiva dessa espécie.” — “*The specific name*

comes from the Latin word hiatus, meaning gap, in reference to the gap between the precloacal pores, which is a distinctive characteristic of this species.” (Montero & Céspedes, 2002).

Nota: a palavra latina *hiatus* é um substantivo e a forma *hiata* é inexistente (Faria, 1962), o que indica uma latinização incorreta, a qual não cabe correção segundo o artigo 32.5 do Código Internacional de Nomenclatura Zoológica (ICZN, 1999). Desta forma, o nome *hiata* deve ser tratado como uma combinação arbitrária de letras, de forma similar ao proposto por Bernal & Dubois (2023) para o nome *leucometapus*, dado a uma serpente.

hogeii. /'ɔzei/. *gen. m.* Do basônimo *Amphisbaena darwinii hogei* Vanzolini, 1950: junção de Hoge e *-i* (sufixo genitivo de nomes masculinos), em homenagem ao herpetólogo brasileiro Alphonse Richard Hoge (1912–1982), à época na Seção de Ofiologia do Instituto Butantan. “Recebi do colega A. Hoge, de Butantan, um lote de pequenas anfisbenas, colecionadas na Ilha dos Alcatrazes, quando de uma das excursões que vem aquele Instituto procedendo às ilhas do litoral paulista.” (Vanzolini, 1950).

hoogmoedi. /ɔɔg'medi/. *gen. m.* Do basônimo *Amphisbaena hoogmoedi* Oliveira et al., 2018: junção de Hoogmoed e *-i* (sufixo genitivo de nomes

masculinos), em homenagem ao herpetólogo holandês Marinus Steven Hoogmoed (1942), pesquisador do Museu Nacional de História Natural em Leiden (Países Baixos) e do Museu Paraense Emílio Goeldi (Brasil), “por sua contribuição ao conhecimento da herpetofauna Neotropical, especialmente à taxonomia das anfisbenas.” — “*Amphisbaena hoogmoedi sp. nov. is named in honor of Dr. Marinus S. Hoogmoed (National Natuurhistorisch Museum, Leiden, the Netherlands, currently at the Goeldi Museum, Belém, Pará, Brazil), for his contribution to the knowledge of the Neotropical herpetofauna especially to the amphisbaenian taxonomy.*” (Oliveira et al., 2018).

ignatiana. /ignasi'ana/. *adj. f.* Do basônimo *Amphisbaena ignatiana* Vanzolini, 1991: junção de Ignatius (forma latinizada de Inácio) e *-ana* (sufixo gentílico). “O nome se refere à localidade-tipo e seu santo patrono [Santo Inácio].” — “*The name refers both to the type locality and to its patron saint.*” (Vanzolini, 1991c).

infraorbitale. /infraorbi'tale/. *adj. n.* Do basônimo *Lepidosternon infraorbitale* Berthold, 1859 (hoje *Leposternon infraorbitale*): combinação do latim *infra* (abaixo, inferior), *orbis* (círculo, orbe) e *-ale* (sufixo indicativo de natureza, pertencimento, qualidade), em referência a uma escama infraorbital, ou seja, abaixo da escama ocular, presente

no exemplar utilizado na descrição da espécie. “uma infraocular em ambos os lados.” — “*infraoculari utrinque 1*” (Berthold, 1859).

kingii. /'kinzii/. *gen. m.* Do basônimo *Anops kingii* Bell, 1833 (hoje *Amphisbaena kingii*): junção de Kingius (forma latinizada de King) e -i (sufixo genitivo de nomes masculinos), em homenagem ao explorador britânico Philip Parker King (1791–1856), que coletou o espécime usado na descrição da espécie, durante uma viagem à América do Sul. A etimologia é apresentada pelo zoólogo inglês Thomas Hornsey Bell (1792–1880) em uma publicação mais detalhada, dois anos depois: “Este interessante animalzinho forma uma das numerosas adições feitas pelas incansáveis pesquisas do capitão King à história natural daquela parte da América do Sul, que constituiu o assunto de sua importante pesquisa posterior.” — “*This interesting little animal forms one of the numerous additions made, by the indefatigable researches of Capt. King, to the Natural History of that part of South America, which formed the subject of his late important survey.*” (Bell, 1835).

kiriri. /ki'ri:ri/. *ap. m.* Do basônimo *Amphisbaena kiriri* Ribeiro, Gomides & Costa, 2018: homenagem à etnia indígena quiriri, habitantes originais do sertão brasileiro, de onde a espécie é nativa. “O nome *kiriri*, usado como

substantivo em aposição, faz referência às tribos indígenas (também conhecidas como kariri ou cariri) que outrora habitavam os sertões brasileiros, principalmente a Caatinga. Quatro dialetos eram falados por eles, todos atualmente extintos (...). Diz-se que a palavra *kiriri* tem origem na língua tupi, falada pelos nativos das áreas litorâneas, significando ‘silencioso’, ‘taciturno’” — “*The name kiriri, used as a noun in apposition, makes reference to the indigenous tribes (also known as kariri or cariri) that once inhabited Brazilian backlands, particularly the Caatinga. Four dialects were spoken by them, all currently extinct (...). The word kiriri is said to have its origin in the Tupi language spoken by the natives of coastal areas, meaning ‘silent’, ‘taciturn’*” (Ribeiro et al., 2018b).

kisteumacheri. /kistew'makeri/. *gen. m.* Do basônimo *Leposternon kisteumacheri* Porto, Soares & Caramaschi, 2000: junção de Kisteumacher e -i (sufixo genitivo de nomes masculinos), em homenagem ao biólogo e consultor ambiental brasileiro Geraldo Kisteumacher do Nascimento (1948). “O nome específico é um substantivo em caso genitivo homenageando o biólogo Geraldo Kisteumacher (Biotica - Estudos Ambientais e Ecologia, Belo Horizonte, Minas Gerais), pela amizade e auxílio nos trabalhos de campo.” — “*The specific name is a noun in a genitive case honoring the biologist Geraldo Kisteu-*

macher (BIOTICA - Estudos Ambientais e Ecologia, Belo Horizonte, Minas Gerais), for his friendship and assistance in the field work.” (Porto et al., 2000).

kraoh. /'kɾao/. *ap. m.* Do basônimo *Bronia kraoh* Vanzolini, 1971 (hoje *Amphisbaena kraoh*): homenagem à etnia indígena krahô. “O nome se refere aos indígenas krahô (ou craô), em cuja área trabalhava H. Schultz, antropólogo, quando coletou o espécime.” — “The name refers to the Kraô Indians, in whose area H. Schultz, an anthropologist, was working when he collected the specimen.” (Vanzolini, 1971).

leeseri. /le'eseɾi/. *gen. m.* Do basônimo *Amphisbaena leeseri* Gans, 1964: junção de Leeser e -i (sufixo genitivo de nomes masculinos), em homenagem a Leo Leeser (1871–1942), alemão de origem judia e avô do pesquisador teuto-estadunidense Carl Gans (1923–2009), que descreveu a espécie. Durante o regime nazista na Alemanha, as filhas de Leo emigraram para os EUA com seus maridos e crianças, mas ele permaneceu no país com sua segunda esposa, onde foi preso, vindo a morrer no campo de concentração de Theresienstadt em 1942 (N. Matuszewski, e-mail a HCC, 2017). “É um privilégio nomear a nova forma de *Amphisbaena leeseri* em homenagem ao Sr. Leo Leeser (nascido em Rosbach, no rio Sieg, 1870, morto em Theresienstadt,

1942), de cujo patrimônio uma bolsa me permitiu viajar em busca desses estudos.” — “It is a privilege to name the new form *Amphisbaena leeseri* after Mr. Leo Leeser (b. Rosbach a/d. Sieg, 1870, d. Theresienstadt, 1942), a grant from whose estate allowed me to travel in pursuit of these studies.” (Gans, 1964a).

Leposternon. /lepos'ternon/. *s. n.* *Leposternon* Wagler, 1824: combinação do grego antigo *lepís* (escama, escudo) e *stérnon* (esterno, peito). “Cabeça e tórax cobertos com escudos” — “Caput et sternum scutata” (Wagler, 1824). A porção anterior do ventre das espécies de *Leposternon* é coberta por escamas geralmente alongadas, que não formam anéis com os segmentos dorsais.

Nota: em um trabalho posterior, o naturalista germânico Johann Georg Wagler (1800–1832) emendou o nome do gênero para *Lepidosternon*, com a mesma raiz etimológica: “Λεπις *scutellum*, et ζερνον *thorax*” (Wagler, 1830). *Lepidosternon* chegou a ser bastante adotado no século XIX, mas as regras da nomenclatura zoológica exigiram a manutenção do nome *Leposternon*.

leucocephala. /lewko'sefala/. *adj. f.* Do basônimo *Amphisbaena leucocephala* Peters, 1878: combinação do grego antigo *leukós* (branco) e *kephalé* (cabeça). “Os segmentos quadrilaterais na face dorsal do corpo e da

cauda são marrom-violeta; os espaços entre eles, como a cabeça, a ponta da cauda e toda a parte inferior são branco-amarelados” — “*Die vierseitigen Abteilungen der Rückenseite des Körpers und Schwanzes sind violettbraun, die Zwischenräume, so wie der Kopf, die Schwanzspitze und die ganze Unterseite gelblichweiss.*” (Peters, 1878).

littoralis. /lito'ralis/. *ap. f./m.* Do basônimo *Amphisbaena littoralis* Roberto, Brito & Ávila, 2014: do latim *littoralis* (do litoral). “O epíteto específico *littoralis*, substantivo em aposição, significa em latim habitante da zona costeira, referindo-se à presença da espécie nas dunas costeiras.” — “*The specific epithet littoralis, a noun in apposition, means in Latin inhabitant of coastal area, referring to the presence of the species in coastal sand dunes.*” (Roberto et al., 2014).

longinqua. /lon'zinkwa/. *adj. f.* Do basônimo *Amphisbaena longinqua* Teixeira Junior et al., 2019: “O epíteto específico é o adjetivo latino ‘*longinquus*’ (feminino *longinqua*) em referência ao substantivo português ‘cafundó’, palavra de origem africana que dá nome à localidade onde a espécie foi coletada, e que significa ‘lugar de difícil acesso’, principalmente quando situado entre montanhas ou quando remoto e pouco povoado.” — “*The specific epithet is the Latin adjective ‘longinquus’ (feminine longinqua) in reference to the*

Portuguese noun ‘Cafundó’, an African word, that gives name to the locality where it was collected, and that means ‘place of difficult access’, especially when situated between mountains or when remote and sparsely populated.” (Teixeira Junior et al., 2019).

lumbricalis. /lumbri'kalis/. *adj. f./m.* Do basônimo *Amphisbaena lumbricalis* Vanzolini, 1996: combinação do latim *lumbricus* (minhoca) e *-alis* (sufixo indicativo de natureza, pertencimento, qualidade). “O nome refere-se à esbelteza vermiforme da espécie.” — “*The name refers to the wormlike slenderness of the species.*” (Vanzolini, 1996).

maranhensis. /mara'nensis/. *adj. f./m.* Do basônimo *Amphisbaena maranhensis* Gomes & Maciel, 2012: junção de Maranhão e *-ensis* (sufixo genético). “O nome da espécie refere-se ao estado do Maranhão, onde a nova espécie foi coletada.” — “*The name of the species refers to Maranhão state, where the new species was collected.*” (Gomes & Maciel, 2012).

maximum. /'maksimum/. *adj. n.* Do basônimo *Leposternon maximum* Ribeiro et al., 2011 (hoje *Leposternon maximum*, aqui proposto): do latim *maximum* (máximo). “O epíteto específico *maximum*, do Grego [sic], é usado aqui em alusão ao número maior de meio-anéis quando comparado às outras anfisbênias.” — “*The specific epi-*

thet maximus, from the Greek, is used herein in allusion to its higher number of halfannuli when compared to other amphisbaenians.” (Ribeiro et al., 2011).

Nota 1: ao contrário do apresentado na etimologia original do nome, *maximus* é um adjetivo latino, não grego, derivado de *magnus* (grande, magno) (Brown, 1954).

Nota 2: a edição vigente do Código Internacional de Nomenclatura Zoológica (ICZN, 1999) regulamenta em seu artigo 31.2 que (tradução nossa) “Um nome de grupo-espécie, se for ou terminar em adjetivo ou particípio latino ou latinizado no nominativo singular, deve concordar em gênero com o nome genérico com o qual está a qualquer momento combinado.” Uma vez que *Leposternon* (vide acima) é um nome de gênero neutro e o nome da espécie é um adjetivo em latim, adotamos a grafia corrigida *Leposternon maximum*, no lugar da original *L. maximus*.

mebengokre. /meben'gɔkre/. *ap. m.* Do basônimo *Amphisbaena mebengokre* Ribeiro et al., 2019: “*Amphisbaena mebengokre* sp. nov. foi encontrada às margens do rio Caiapó. O nome do rio homenageia os povos indígenas que habitavam a região e foram expulsos pelos colonizadores. O termo ‘Kayapó’ [caiapó] foi usado pela primeira vez no início do século XIX. O termo foi criado por grupos indígenas

vizinhos e significa ‘aqueles que se parecem com macacos’ (uma referência a um ritual com máscaras de macaco). O povo caiapó prefere se autodenominar ‘Mebêngôkre’ [mebengocre], que significa ‘homens das nascentes’. O epíteto específico *mebengokre* faz homenagem à etnia *Mebêngôkre*.” — “*Amphisbaena mebengokre* sp. nov. was found on the banks of the Caiapó River. The river’s name gives homage to the indigenous people who inhabited the region and were expelled by the colonizers. The term ‘Kayapó’ was first used in the early nineteenth century. The term was created by neighboring indigenous groups and means ‘those who look like monkeys’ (a reference to a ritual using monkey masks). The Kayapó people prefer to call themselves ‘Mebêngôkre’, which means ‘men of the springs.’ The specific epithet *mebengokre* gives homage to the *Mebêngôkre* ethnicity.” (Ribeiro et al., 2019).

mertensii. /mer'tensii/. *gen. m.* Do basônimo *Amphisabena mertensii* Strauch, 1881: junção de Mertensius (forma latinizada de Mertens) e -i (sufixo genitivo de nomes masculinos), em homenagem a Karl Heinrich Mertens (1796–1830), naturalista germânico que, durante a expedição de circum-navegação da corveta *Seniavine* (1826–1829), teria coletado o exemplar usado na descrição da espécie. “O único exemplar provém da circum-navegação que nosso estimado presidente, Conde

Lütke, realizou com a *Seniavine* na década de 1820 e é de autoria do falecido acadêmico Dr. Mertens, tendo provavelmente sido coletado em algum ponto da costa da América do Sul.” — “*das einzige Exemplar stammt von der Weltumsegelung, welche unser hochverehrter Präsident, Graf Lütke, in den zwanziger Jahren aus dem Seniawin ausgeführt hat, und wird vom sel. Akademiker Dr. Mertens wahrscheinlich an irgendeinem Küstenpunkte Süd-Amerikas erbetet worden sein.*” (Strauch, 1881).

Mesobaena. /mezo'bena/. *s. f.* *Mesobaena* Mertens, 1925: do grego antigo *mésos* (meio, centro) e *baíno* (andar). A ideia de meio se dá porque, segundo o autor, o herpetólogo teuto-russo Robert Mertens (1894–1975), *Mesobaena* teria características intermediárias entre *Amphisbaena* e *Anopsibaena* (nome genérico inválido hoje, então adotado para *Amphisbaena kingii*). “Este gênero de leposternídeos da América do Sul fica entre *Amphisbaena* e *Anopsibaena*.” — “*Diese südamerikanische Leposternidengattung steht zwischen Amphisbaena und Anopsibaena.*” (Mertens, 1925).

metallurga. /meta'lurga/. *adj. f.* Do basônimo *Amphisbaena metallurga* Costa et al., 2015: do grego antigo *metallourgós* (mineiro). “O nome se refere aos hábitos fossoriais das anfisbênias, que usam a cabeça para cavar

túneis subterrâneos como um mineiro. Paradoxalmente, este novo ‘réptil minerador’ foi encontrado em uma área onde um mineroduto está sendo instalado. As palavras portuguesas ‘mineiro’ e ‘mineira’, também são adjetivos masculino e feminino referindo-se aos habitantes nativos do estado de Minas Gerais, onde a nova espécie foi descoberta.” — “*The specific name of the new species is a transliteration of the Greek μεταλλουργος (metalloyrgos), meaning ‘miner’ [...]. It is here used as an adjective that agrees in gender with the generic name. The name refers to the fossorial habits of amphisbaenians, which use the head to dig underground tunnels like a miner. Paradoxically, this new ‘mining reptile’ was found in the area where a slurry pipeline is being installed. ‘Miner’ is also the translation of the Portuguese words ‘mineiro’ and ‘mineira’, masculine and feminine adjectives referring to native inhabitants of the state of Minas Gerais, where the new species was discovered.*” (Costa et al., 2015).

microcephalus. /mikro'sefalus/. *ap. m.* Do basônimo *Leposternon microcephalus* Wagler, 1824: do grego antigo *mikrós* (pequeno) e *kephalé* (cabeça), em referência à “cabeça pequena” dos exemplares — “*caput parvum*” (Wagler, 1824).

Nota: o herpetólogo alemão Wolfgang Denzer recentemente trouxe à tona

esclarecimentos acerca do gênero gramatical do nome *microcephalus* (Denzer, 1824), mostrando que o naturalista germânico Johann Georg Wagler (1800–1832) criou o nome como um substantivo em aposição, não um adjetivo. Desta forma, a grafia correta não seria *L. microcephalum*, mas *L. microcephalus*, tal qual originalmente apresentado por Wagler (1824).

mineiro. /mi'neiro/. *ap. m.* Do basônimo *Leposternon mineiro* Ribeiro et al., 2018a: do português *mineiro*, “adjetivo derivado do estado de Minas Gerais, onde a nova espécie foi coletada”. — “*The specific epithet mineiro is an adjective derived from the state of Minas Gerais, where the new species was collected.*” (Ribeiro et al., 2018a).

Nota: embora Ribeiro et al. (2018a) afirmem que o nome *mineiro* é um adjetivo, para a Nomenclatura Zoológica o mesmo deve ser tratado como substantivo em aposição, por se tratar de uma palavra em português, não em latim. O Código Internacional de Nomenclatura Zoológica (ICZN, 1999) em seu artigo 31.2.3 rege que (tradução nossa) “Se um nome do grupo-espécie (ou, no caso de um nome composto, sua palavra componente final) não for uma palavra latina ou latinizada [Arts. 11.2, 26], deve ser tratado como indeclinável para os fins deste Artigo e não precisa concordar em gênero com o nome genérico com o qual é combinado

(a grafia original deve ser mantida, com terminação inalterada)”. Isso significa que, se no futuro, o nome *mineiro* for combinado a um nome genérico cujo gênero gramatical seja feminino, sua terminação não deve ser alterada para *mineira*.

miringoera. /miringo'era/. *ap. f.* Do basônimo *Amphisbaena miringoera* Vanzolini, 1971: “O nome específico significa ‘pequena irmã’ em tupi, a língua falada pelos indígenas tapirapés, em cujo território e com a ajuda de quem a série-tipo desta pequena espécie foi coletada” — “*The specific name means ‘little sister’ in Tupi, the language spoken by the Tapirapé Indians, in whose land and with whose help the type series of this very small species was collected.*” (Vanzolini, 1971).

Nota: os *apyãwa* – como os tapirapés se autodenominam – migraram para o Brasil central para escapar dos portugueses, que invadiram seu território a leste. A língua falada por eles não é o tupi, como afirmado pelo zoólogo Paulo Vanzolini (1924–2013), mas o tapirapé, da família tupi-guarani, tronco tupi (Almeida et al., 1983). Segundo a pesquisadora Walkiria Neiva Praça (Universidade de Brasília), que estuda os *apyãwa*, a palavra *miringoera* lhes é desconhecida (*e-mail* a HCC, 2023). A expressão tapirapé para ‘pequena irmã’ seria *kypyhyt* (Almeida et al., 1983). Contudo, nossa investigação

não permite afirmar se a palavra *mirin-goera* possa ter existido no vocabulário tapirapé e ser desconhecida dos atuais falantes do idioma.

mitchelli. /mi'tʃɛli/. *gen. m.* Do basônimo *Amphisbaena mitchelli* Procter, 1923: junção de Mitchell e *-i* (sufixo genitivo de nomes masculinos), em homenagem a Peter Chalmers Mitchell (1864–1945), jornalista e zoólogo britânico que trabalhou com a pesquisadora britânica Joan Beauchamp Procter (1897–1931) (Beolens et al., 2011). Procter descreveu a espécie a partir de material encaminhado pelo coletor profissional teuto-guianense Wilhelm Ehrhard (1860–ca.1936) (Gutsche et al., 2007). “A segunda [coleção de répteis] é uma grande coleção da ilha de Marajó, na foz do Amazonas. Foi feita pelo Sr. W. Ehrhardt e inclui muitas raridades e uma nova espécie de *Amphisbaena* a qual eu tenho muito prazer em nomear de *mitchelli* em homenagem ao Dr. P. Chalmers Mitchell.” — “*The second is a large collection from Marajo Island, at the mouth of the Amazon. This was made by Herr W. Ehrhardt, and it includes many rarities and a new species of Amphisbaena which I have much pleasure in naming mitchelli, after Dr. P. Chalmers Mitchell.*” (Procter, 1923).

mongoyo. /mon'gojo/. *ap. m.* Do basônimo *Amphisbaena mongoyo* Teixeira Junior et al., 2019: “O epíteto es-

pecífico é um substantivo em aposição referente ao povo indígena brasileiro *Kamacã-Mongoyó* [camacã-mongoió], um dos grupos indígenas que habitavam a região do município de Vitória da Conquista. A história indica que durante uma batalha contra os nativos, um dos primeiros colonizadores da região, João Gonçalves da Costa (1720–1819), prometeu à Nossa Senhora das Vitórias que construiria uma igreja se tivesse sucesso em conquistar a região dos indígenas *Mongoyó* e assim ele fez. Mesmo depois de derrotados em batalha, os nativos continuaram lutando contra os colonizadores esporadicamente até que João Gonçalves da Costa os convidou para uma festa onde foram emboscados e a maioria foi morta, no que ficou conhecido em português como *O banquete da morte*. Os sobreviventes penetraram nas matas e com o tempo esse povo e essa cultura, como tantos outros grupos indígenas, desapareceram.” — “*The specific epithet is a noun in apposition referring to the Brazilian indigenous people Kamacã-Mongoyó, one of the indigenous groups that inhabited the region of Vitória da Conquista municipality. History indicates that during a battle against the natives one of the first settlers at the region, João Gonçalves da Costa (1720–1819), promised Our Lady of Victories he would build a church if he succeeded in conquering the region from the Mongoyó Indians, and so he did. Even after being defeated in battle, the natives*

continued fighting the colonizers sporadically until João Gonçalves da Costa invited the Indians to a feast where they were ambushed, and most were killed in what became known in Portuguese as ‘O Banquete da Morte’ (the Feast of Death). The surviving Indians penetrated the forests and over time this people and culture, like so many other indigenous groups, disappeared.” (Teixeira Junior et al., 2019).

munoi. /mu'noai/. *gen. m.* Do basônimo *Amphisbaena munoi* Klappenbach, 1960: junção de Muñoz e -i (sufixo genitivo de nomes masculinos), em homenagem ao antropólogo uruguaio Juan Ignacio Muñoz (1925–1960), amigo de Miguel Ángel Klappenbach (1920–2000), falecido precocemente (Mones, 2004). “Damos a seguir a descrição da nova espécie, que dedicamos à memória do nosso amigo e companheiro de trabalho, Juan Ignacio Muñoz, recentemente falecido.” — “*Damos a continuación la descripción de la nueva especie, que dedicamos a la memoria de nuestro extinto amigo y compañero de trabajos, Juan Ignacio Muñoz, recientemente desaparecido.*” (Klappenbach, 1960).

Nota: o nome específico originalmente foi grafado *muñoai*, com o sinal diacrítico til. Após a publicação da primeira edição do Código Internacional de Nomenclatura Zoológica, em 1961, o

uso de sinais diacríticos na Zootaxonomia foi banido (Stoll et al., 1961).

nana. /'nana/. *adj. f.* Do basônimo *Amphisbaena nana* Pérez & Borges-Martins, 2019: do latim *nanus* (anão), referindo-se ao tamanho da espécie, em média com 15 cm de comprimento. “O epíteto específico *nana* é um adjetivo derivado da palavra latina *nanus*, que significa ‘anão’ e é uma referência ao pequeno tamanho desta espécie, a menor dentro de *Amphisbaena grupo darwinii*.” — “*The specific epithet nana is an adjective derived from the Latin word nanus, meaning ‘dwarf’, and is a reference to the small size of this species, the smallest within the Amphisbaena darwinii-Group.*” (Perez & Borges-Martins, 2019).

neglecta. /ne'glɛkta/. *adj. f.* Do basônimo *Amphisbaena neglecta* Dunn & Piatt, 1936: do latim *neglectus* (negligenciado, abandonado), porque os exemplares usados na descrição da espécie passaram décadas não identificados em uma coleção científica. “A seguinte nova espécie de *Amphisbaena* foi encontrada durante uma revisão da coleção de lagartos desta Academia [de Ciências Naturais da Filadélfia, EUA]. Os espécimes foram coletados por H. H. Smith em Mato Grosso e fazem parte do acervo desta Academia há muito tempo. A coleção de Smith foi relatada por E. D. Cope em 1887 (Proc. Amer. Phil. Soc., 24), mas os únicos anfisbení-

deos mencionados foram *Amphisbaena alba* e *Lepidosternon microcephalum*. Nenhum destes está sequer próximo da forma atual e é um mistério o motivo pelo qual ela não foi descrita por Cope.” — “*The following new species of Amphisbaena was found while going over the lizard collection of this Academy. The specimens were collected by H. H. Smith in Matto Grosso and have been part of the collection of this Academy for a long time. Smith’s collection was reported on by E. D. Cope in 1887 (Proc. Amer. Phil. Soc., 24), but the only amphisbaenians mentioned were Amphisbaena alba and Lepidosternon microcephalum. Neither of these is at all close to the present form and it is rather a mystery why it was not described by Cope.*” (Dunn & Piatt, 1936).

nigricauda. /nigri'kawda/. *ap. f.* Do basônimo *Amphisbaena nigricauda* Gans, 1966: do latim *niger* (negro) e *cauda* (cauda, rabo). “A cor clara do corpo contrastada com a ponta caudal muito escura permite o rápido reconhecimento desta forma.” — “*The light body color contrasted with the very dark caudal tip allows rapid recognition of this form.*” (Gans, 1966).

octostegum. /oktɔs'tegum/. *adj. n.* Do basônimo *Lepidosternon octostegum* Duméril in Duméril & Bibron, 1851 (hoje *Leposternon octostegum*): do grego *októ* (oito) e *stégos* (abrigo, cobertura, teto), em referência a oito

grandes escamas no dorso da cabeça. “De ὀχτώ, e de στέγη, por causa das oito placas que cobrem o crânio.” — “*De ὀχτώ, et de στέγη, à cause des huit plaques qui recouvrent le crâne.*” (Duméril & Duméril, 1851).

persephone. /per'sefone/. *ap. f.* Do basônimo *Amphisbaena persephone* Pinna et al., 2014: “A espécie leva o nome da deusa Perséfone que, segundo a mitologia grega, se tornou a rainha do submundo ao se casar com Hades (o rei do submundo). O nome é uma referência ao hábito fossorial da espécie.” — “*The species is named after the goddess Persephone who, according to Greek mythology, became the queen of the underworld once she married Hades (the king of the underworld). The name is a reference to the fossorial habit of the species.*” (Pinna et al., 2014).

polystegum. /pɔlis'tegum/. *adj. n.* Do basônimo *Lepidosternon polystegum* Duméril in Duméril & Bibron, 1851 (hoje *Leposternon polystegum*): do grego *polús* (numeroso) e *stégos* (abrigo, cobertura, teto), em referência ao maior número de escamas no dorso da cabeça em relação às demais espécies do gênero. “De πολύ, muitos, e de στέγη, *stega*, qualquer material que possa servir para cobrir, devido ao maior número de placas supracefálicas que nas outras espécies.” — “*De πολύ, beaucoup, et de στέγη, stega, toute matière qui peut servir à recouvrir,*

à cause du nombre plus considérable que dans les autres espèces des plaques sus-céphaliques.” (Duméril & Duméril, 1851).

pretrei. /'prɛtrei/. *gen. m.* Do basônimo *Amphisbaena pretrei* Duméril & Bibron, 1839: junção de Pretre e -i (sufixo genitivo de nomes masculinos), em homenagem ao artista franco-suíço Jean Gabriel Prêtre (1800–1840), funcionário do Museu Nacional de História Natural em Paris, ilustrador de diversas obras de história natural (Beolens et al., 2011), incluindo os volumes da série *Erpétologie Générale*, em cujo quinto volume a *Amphisbaena pretrei* é descrita. “Temos o prazer de dedicar esta espécie ao ilustre artista, a cujo pincel se devem as pranchas que fazem parte desta obra.” — “*Nous nous plaignons à dédier cette espèce à l’artiste distingué, au pinceau duquel sont dues les planches qui font partie du présent ouvrage.*” (Duméril & Bibron, 1839).

prunicolor. /pru'nikolor/. *adj. f./m.* Do basônimo *Aporarchus prunicolor* Cope, 1885 (hoje *Amphisbaena prunicolor*): do latim *prunus* (ameixa) e *color* (cor), devido à coloração, em geral arroxeadada, especialmente em vida. “Cor ameixa uniforme acima e abaixo, exceto a mandíbula inferior, gula e parte da região peitoral e um crescente pós-anal, que são brancos.” — “*Color, uniform plum-color above and below, excepting the lower jaw, chin and part*

of pectoral region and a postanal crescent, which are white.” (Cope, 1885).

rhachicephala. /raki'sɛfala/. *adj. f.* Do basônimo *Mesobaena rhachicephala* Hoogmoed et al., 2009: do grego antigo *rhákhis* (crista, espinha, quilha) e *kephalé* (cabeça), “em referência ao rostró levemente quilhado da nova espécie” — “*The specific epithet rhachicephala is formed from the Greek words rhachis (= ridge) and kephale (= head) in reference to the slightly keeled rostrum of the new species.*” (Hoogmoed et al., 2009).

ridleyi. /'ridleji/. *gen. m.* Do basônimo *Amphisbaena ridleyi* Boulenger 1890: junção de Ridley e -i (sufixo genitivo de nomes masculinos), em homenagem ao botânico britânico Henry Nicholas Ridley (1855–1956), que coletou os exemplares usados na descrição desta espécie, endêmica de Fernando de Noronha, após uma expedição ao arquipélago em 1887 (Ridley, 1890; Beolens et al., 2011). “Sob este nome, proponho designar uma anfisbena da qual um espécime, supostamente de Porto Belo, Índias Ocidentais, apresentado pelo capitão Austin, R.N., está no Museu Britânico há quase 50 anos e foi identificado por [John Edward] Gray, [Alexander] Strauch e eu como *A. caeca*, D.[uméril] & B.[ibron]. A mesma espécie foi encontrada pelo Sr. Ridley em Fernando Noronha e, ao retornar à questão, descobri que *A. caeca*, que

ocorre em várias ilhas das Índias Ocidentais, mas que não estava representada no Museu Britânico quando publiquei meu Catálogo [de lagartos do Museu Britânico], deve ser considerada diferente daquela com o qual tenho agora o prazer de conectar o nome do Sr. Ridley.” — “*Under this name I propose to designate an Amphisbaena of which a specimen, stated to be from Porto Bello, West Indies, presented by Capt. Austin, R. N., has been in the British Museum for nearly 50 years, and was referred by Gray, Strauch, and myself to A. caeca, D. & B. The same species has been found by Mr. Ridley on Fernando Noronha, and on re-examining the question I find that A. caeca, which occurs on various West-Indian Islands, but which was unrepresented in the British Museum when I published my Catalogue, must be regarded as distinct from the one with which I have now the pleasure of connecting Mr. Ridley’s name.*” (Boulenger, 1890).

roberti. /ro'berti/. *gen. m.* Do basônimo *Amphisbaena roberti* Gans, 1964: junção de Robert e -i (sufixo genitivo de nomes masculinos), em homenagem ao herpetólogo teuto-russo Robert Friedrich Wilhelm Mertens (1894–1975), curador da coleção herpetológica do Museu Senckenberg em Frankfurt am Main, na Alemanha (Beolens et al., 2011). O autor, Carl Gans (1923–2009), comenta ainda que escolheu o nome *A. roberti* porque *Amphisbaena mertensi*

si (*sic*) foi usado por Alexander Strauch (1832–1893) para homenagear Karl Heinrich Mertens (1796–1830). “É um prazer nomear esta nova forma em homenagem ao Dr. Robert Mertens, autor de tantos importantes estudos herpetológicos (o nome *A. mertensi* sendo preocupado por Strauch 1881)” — “*It is a pleasure to name this new form in honor of Dr. Robert Mertens, author of so many important herpetological studies (the name A. mertensi being preoccupied by Strauch 1881).*” (Gans, 1964b).

sanctaeritae. /sankte'rite/. *gen. f.* Do basônimo *Amphisbaena sanctaeritae* Vanzolini, 1994: do latim *sancta* (sagrada, santa) e *ritae* (forma latinizada de Rita). Referência à localidade-tipo, Santa Rita do Passa Quatro, no estado de São Paulo, e sua padroeira, Santa Rita de Cássia. — “*From the type locality and its patron saint.*” (Vanzolini, 1994).

saxosa. /sa'ksɔza/. *ap. f.* Do basônimo *Bronia saxosa* Castro-Mello, 2003 (hoje *Amphisbaena saxosa*): do latim *saxosus* (rochoso), “um aposto, refere-se à localidade tipo, Lajeado” (Castro-Mello, 2003), no estado do Tocantins.

Nota: embora gramaticalmente a palavra *saxosa* seja um adjetivo feminino, a descrição de *Bronia saxosa* deixa explícito que o nome específico deve ser tratado como um substantivo em aposi-

ção (“um aposto”). A edição vigente do Código Internacional de Nomenclatura Zoológica (ICZN, 1999) regulamenta em seu artigo 34.2.1 que (tradução nossa) “Se um nome de grupo-espécie for um substantivo em aposição, sua terminação não precisa concordar em gênero com o nome genérico com o qual está combinada e não deve ser alterada para concordar em gênero com o nome genérico”. Isso significa que se no futuro o nome *saxosa* for combinado a um nome genérico cujo gênero gramatical seja masculino ou neutro, sua terminação não deve ser alterada para *saxosus* ou *saxosum*.

scutigerum. /sku'tizerum/. *adj. n.* Do basônimo *Amphisbaena scutigera* Hemprich, 1820: do latim *scutus* (escudo) e *gerere* (carregar, portar), em referência ao fato de haver dois únicos grandes escudos na região dorsal da cabeça e/ou pela presença de escamas diferenciadas na região peitoral. “Cabeça coberta por dois escudos córneos. O peito é protegido por escudos poligonais.” — “*Caput clypeo corneo e duobus scutis superne tectum. Pectus scutis polygonis munitum.*” (Hemprich, 1820).

silvestrii. /sil'vestrii/. *gen. m.* Do basônimo *Amphisbaena silvestrii* Boulenger, 1902: junção de Silvestri e *-i* (sufixo genitivo de nomes masculinos), em homenagem ao zoólogo italiano Filippo Silvestri (1873–1949) (Beolens

et al., 2011), coletor do exemplar usado para descrição da espécie. “As novas espécies aqui descritas são de uma grande coleção formada pelo Dr. F. Silvestri em 1900 no Brasil, Paraguai e Argentina, confiada a mim para estudo pelo Diretor do Museu Cívico de Gênova.” — “*The new species here described are from a large collection formed by Dr. F. Silvestri in 1900 in Brazil, Paraguay, and Argentina, entrusted to me for study by the Director of the Genoa Civic Museum.*” (Boulenger, 1902).

slevini. /sle'vini/. *gen. m.* Do basônimo *Amphisbaena slevini* Schmidt, 1936: junção de Slevin e *-i* (sufixo genitivo de nomes masculinos), em homenagem ao herpetólogo estadunidense Joseph Richard Slevin (1881–1957), curador, entre 1824 e 1957, da coleção de Herpetologia da Academia de Ciências da Califórnia (Adler, 2007), onde o exemplar usado na descrição da espécie foi depositado (Schmidt, 1936).

Squamata. /skwa'mata/. *s. m.* Squamata Merrem, 1820: do latim *squamatus* (escamado, que tem escamas), em referência à presença de escamas nos representantes do grupo.

Nota 1: apesar de gramaticalmente *squamata* ser um adjetivo, nomes de grupos zoológicos são sempre tratados como substantivo plural.

Nota 2: o Código Internacional de Nomenclatura não rege a nomenclatura de ordens, classes e demais categorias hierárquicas superiores. Este é o caso de Squamata, usualmente atribuído a uma ordem. Justamente por esta falta de regulação, há um debate sobre a autoria de Squamata ser atribuída ao naturalista germânico Blasius Merrem (1761–1824) (Merrem, 1820) ou ao seu contemporâneo e conterrâneo Nicolaus Michael Opperl (1782–1820) (Opperl, 1811) (Frétey & Dubois, 2019). Citamos Merrem (1820) como autor de Squamata seguindo a proposta de Frétey & Dubois (2019).

steindachneri. /stein'dakneri/. *gen. m.* Do basônimo *Amphisbaena steindachneri* Strauch, 1881: junção de Steindachner e *-i* (sufixo genitivo de nomes masculinos), em homenagem ao herpetólogo e ictiólogo austríaco Franz Steindachner (1834–1919), chefe da seção de Zoologia e depois diretor do Museu de História Natural em Viena (Beolens et al., 2011). “Decidi descrever esta nova espécie com o nome de *Amphisbaena steindachneri* em homenagem ao meu respeitado amigo e colega Dr. Steindachner.” — “*habe ich mir erlanht, diese Art zu Ehren meines hochverehrten Freundes und Collegen Dr. Steindachner mit dem Namen Amphisbaena steindachneri zu belegen.*” (Strauch, 1881).

supernumeraria. /supernume'raría/. *adj. f.* Do basônimo *Amphisbaena supernumeraria* Mott, Rodrigues & Santos, 2009: do latim *super* (acima, além) e *numeraria* (de número – e não “número”, como informado na descrição original); ou seja, ‘de muitos números’. “O nome específico deriva do latim ‘super’ (além) e ‘numeraria’ (número), referindo-se ao maior número de anéis corporais desta espécie em relação às suas congêneres” — “*The specific name derives from the Latin ‘super’ (beyond), and ‘numeraria’ (number), referring to the highest number of body annuli of this species comparing with its congeners.*” (Mott et al., 2009).

talisiae. /ta'lizie/. *gen. f.* Do basônimo *Amphisbaena talisiae* Vanzolini, 1995: junção de *Talisia* e *-ae* (sufixo genitivo de nomes femininos), latinização do nome da localidade-tipo, a Serra da Pitomba/MT. “O nome é uma toponímia. ‘Pitomba’ é o agradável fruto da *Talisia esculenta*, família Sapindaceae.” — “*The name is a toponymic. ‘Pitomba’ is the pleasant fruit of Talisia esculenta, family Sapindaceae.*” (Vanzolini, 1995).

Nota: o gênero botânico *Talisia* foi descrito pelo farmacêutico, botânico e explorador francês Jean Baptiste Christophore Fusée Aublet (1720–1778). Há quem afirme que esse seria o nome dado à pitombeira por nativos da atual Guiana Francesa, mas o próprio

Aublet cita o nome caribe *toulichí* (Aublet, 1775). Outra possibilidade é que derive do grego antigo *tháleia* (florescer) (Mut, 2018).

tiaraju. /tia'razu/. *ap. m.* Do basônimo *Amphisbaena tiaraju* Pérez & Borges-Martins, 2019: “A espécie leva o nome do guerreiro indígena sul-americano Sepé Tiaraju, supostamente nascido por volta de 1723, líder dos Sete Povos das Missões, um conjunto de sete aldeias indígenas fundadas pelos jesuítas espanhóis no noroeste do Rio Grande do Sul, Brasil. Sepé Tiaraju é um herói guarani, símbolo do sentimento indígena de liberdade, mas também fez parte das tradições do folclore gaúcho, imortalizado em muitas obras literárias regionais. Ele morreu na batalha de Caiboaté contra o exército português e espanhol em 1756, junto com outros 1500 guaranis. Hoje é oficialmente reconhecido como um herói regional (Lei Estadual 12.366, Rio Grande do Sul, Brasil) e federal (Lei Federal 12.032/09) por sua importância na formação das fronteiras do sul brasileiro. O epíteto específico é um substantivo em aposição da grafia oficial portuguesa. O tributo foi uma referência à distribuição restrita da espécie à região das Missões”. — “*The species is named after the South-American Indigenous warrior Sepé Tiaraju, supposedly born around 1723, leader of the ‘Sete Povos das Missões’, a set of seven indigenous settlements founded by the Spanish Je-*

suits in northwest Rio Grande do Sul, Brazil. Sepé Tiaraju is a Guarani hero, symbol of indigenous sentiment of liberty, but he was also part of the gaucho folklore traditions, immortalized in many regional literary works. He died in the Caiboaté battle against the Portuguese and Spanish army in 1756, together with other 1500 Guaranis. He now is officially recognized as a hero at regional (State Law 12.366, Rio Grande do Sul, Brazil) and federal level (Brazilian Federal Law 12.032/09) by its importance in the formation of the southern Brazilian frontiers. The specific epithet is a noun in apposition of the official Portuguese spelling. The tribute was a reference to the restricted distribution of the species to the Missões region.” (Perez & Borges-Martins, 2019).

trachura. /tra'kura/. *adj. f.* Do basônimo *Amphisbaena trachura* Cope, 1885: combinação do grego antigo *trakhús* (áspero) e *ourá* (cauda). O paleontólogo e zoólogo estadunidense Edward Drinker Cope (1840–1897) não foi explícito quanto à etimologia do nome da espécie, mas possivelmente fez uma referência aos anéis de escamas da porção terminal da cauda, tuberculados. Esta característica é considerada diagnóstica pelo autor: “vários anéis terminais muito distintos e divididos em proeminentes tubérculos duros” — “*several terminal rings very distinct*

and divided into prominent hard tubercles” (Cope, 1885).

tragorrhectes. /trago'rektes/. *ap. m.* Do basônimo *Amphisbaena tragorrhectes* Vanzolini, 1971: do grego antigo *trágos* (bode) e *rhektikós* (estourado) – estoura-bode. “O nome refere-se à cidade de Oriximiná, localidade-tipo, onde nós recebemos a ajuda de um excelente grupo de coletores. É uma aproximação em grego de ‘espouca-bode’, apelido regionalmente dado aos nativos de Oriximiná, devido às propriedades peculiares da farinha de mandioca local.” — “The name refers to the city of Oriximiná, the type-locality, where we have had the help of an excellent group of collectors. It is an approximate Greek rendition of ‘espouca-bode’ (goat burster), the nickname regionally given to natives of Oriximiná because of the peculiar properties of the local cassava meal.” (Vanzolini, 1971).

uroxena. /uro'ksena/. *adj. f.* Do basônimo *Amphisbaena uroxena* Mott, Rodrigues, Freitas & Silva, 2008: do grego antigo *ourá* (cauda) and *ksénos* (estranho). “A *uroxena*, do grego *uros* significando cauda e *xenos*, significando estranho, diferente, é uma referência à cauda notavelmente diferente desta espécie.” — “The *uroxena* from the Greek *uros* meaning tail and *xenos* meaning strange, different, is a reference to the strikingly different tail of this species.” (Mott et al., 2008).

vanzolinii. /vanzo'linii/. *gen. m.* Do basônimo *Amphisbaena vanzolinii* Gans, 1963: junção de Vanzolini e *-i* (sufixo genitivo de nomes masculinos), em homenagem ao zoólogo e sambista brasileiro Paulo Emílio Vanzolini (1924–2013). “Tenho o prazer de nomear esta forma *Amphisbaena vanzolinii* em homenagem ao Dr. Paulo Emílio Vanzolini, em reconhecimento aos seus interessantes estudos sobre anfisbenídeos e por motivos mais pessoais.” — “I take pleasure in naming this form *Amphisbaena vanzolinii* after Dr. Paulo Emilio Vanzolini in recognition of his interesting studies on amphisbaenids, and for more personal reasons.” (Gans, 1963).

varia. /'varia/. *adj. f.* Do basônimo *Amphisbaena varia* Laurenti, 1768: do latim *varius* (diferente, que varia), em referência ao padrão de cor manchado de preto e branco. “Corpo variegado de branco, preto, castanho e cinza” — “*Corpore albo nigro, spadiceo, gryseoque vario.*” (Laurenti, 1768).

vermicularis. /vermiku'laris/. *adj. f./m.* Do basônimo *Amphisbaena vermicularis* Wagler, 1824: combinação do latim *vermiculus* (pequeno verme) e *-aris* (sufixo adjetivo que indica natureza, característica), em referência à morfologia geral da espécie. “Não se deve confundir esta espécie com um jovem de anfisbena branca [*Amphisbaena alba*], porque distingue-se suficien-

temente pela sua forma geral de verme” — “*On ne doit pas prendre cette espèce pour une jeune Amphishène blanchet car elle s’en distingue suffisamment par sa forme vermiculaire en général*” (Wagler, 1824).

wiedi. /'viedi/. *gen. m.* Do basônimo *Amphisbaena fuliginosa wiedi* Vanzolini, 1951: junção de Wied e -i (sufixo genitivo de nomes masculinos), homenagem a Maximilian Alexander Phillip (1782–1867), Príncipe de Wied (Wied-Neuwied, antes de 1825), hoje parte da Alemanha. Maximilian foi um naturalista e explorador, tendo viajado pelo Sudeste e Leste do Brasil entre 1815 e 1817.

Nota: a letra W foi empregada no latim científico a partir de outras línguas, pois não existia no latim clássico. Na pronúncia do latim científico, aqui proposta, quando o nome do táxon deriva de um nome pessoal de origem germânica, adota-se o som de /v/ (Rigolon, 2019).

wuchereri. /vuke'ɾɛri/. *gen. m.* Do basônimo *Lepidosternon wuchereri* Peters, 1879: junção de Wucherer e -i (sufixo genitivo de nomes masculinos), em homenagem ao médico e herpetólogo luso-germânico Otto Edward Heinrich Wucherer (1820–1873), coletor do material utilizado na descrição da espécie. Wucherer atuou no Brasil (mais especificamente na Bahia) entre 1843

e 1871, sendo considerado o fundador da Helmintologia brasileira e um pioneiro no estudo do ofidismo e da experimentação na Medicina e na História Natural no país (Lira-da-Silva, 2009). “uma nova espécie da coleção do Dr. Wucherer, que infelizmente foi afastado da ciência na Bahia por uma morte tão repentina e em cuja memória a nomeei.” — “*eine neue Art an, die aus der Sammlung des Dr. Wucherer stammt, welcher leider in Bahia der Wissenschaft durch einen so plötzlichen Tod entrissen wurde und zu dessen Andenken ich sie benannt habe.*” (Peters, 1879).

Nota: a letra W foi empregada no latim científico a partir de outras línguas, pois não existia no latim clássico. Na pronúncia do latim científico, aqui proposta, quando o nome do táxon deriva de um nome pessoal de origem germânica, adota-se o som de /v/ (Rigolon, 2019).

AGRADECIMENTOS

Somos gratos a Dione Seripierri (Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo) que gentilmente forneceu algumas informações valiosas para algumas etimologias apresentadas; Walkiria Neiva Praça, por informações sobre os apyãwa e sua língua; Jefferson Pontes, por auxílio com traduções do latim; Francisco L. Franco, José Pombal Jr.,

Luciana B. Nascimento e Teresa C. S. Avila-Pires pela revisão e sugestões.

BIBLIOGRAFIA

Adler K. 2007. Contributions to the History of Herpetology. Volume 2. Society for the Study of Amphibians and Reptiles, Salt Lake City.

Almeida A., Jesus I. de, Paula L.G. de. 1983. A língua Tapirapé. Xerox do Brasil, Rio de Janeiro.

Almeida J.P., F.A., Freitas M.A., Silva M.B., Valverde M.C.C., Rodrigues M.T., Pires A.M., Mott T. 2018. A new four-pored Amphisbaena (Squamata: Amphisbaenidae) from northeastern Brazil. *Zootaxa* 4514:553–562. doi: [10.11646/zootaxa.4514.4.8](https://doi.org/10.11646/zootaxa.4514.4.8).

Aublet F. 1775. Histoire des plantes de la Guiane Française. Tome Premier. Pierre-François Didot, London & Paris.

Barbour T. 1914. Some new reptiles. *Proceedings of the New England Zoology Club* 4:95–98.

Bell T. 1833. Mr. Bell exhibited specimens of two reptiles, forming part of his collection, which he regarded as the types of two genera hitherto undescribed. *Proceedings of the Zoological Society of London* 1833:98–99.

Bell T. 1835. Description of a new genus of Reptilia of the family Amphisbaenidae. *Zoological Journal* 5:391–393.

Beolens B., Watkins M., Grayson M. 2011. The Eponym Dictionary of Reptiles. Johns Hopkins University Press, Baltimore.

Bernal R., Dubois A. 2023. *Chironius scurrula*, the correct nomen for *Chironius scurrulus* (Squamata, Serpentes, Colubridae), with a list of the correct spellings of specific epithets currently in use in this genus. *Bionomina* 34:35–44. doi: [10.11646/bionomina.34.1.3](https://doi.org/10.11646/bionomina.34.1.3).

Berthold A.A. 1859. Einige neue Reptilien des akademisch zoologischen Museums in Göttingen. *Nachrichten von der Königl. Gesellschaft der Wissenschaften und der G.A. Universität zu Göttingen* 17:179–181.

Boulenger G.A. 1890. Reptilia. Pp. 473–570, in Ridley H.N. (Ed.) Notes on the zoology of Fernando Noronha. *Journal of the Linnean Society, London*.

Boulenger G.A. 1902. Descriptions of new fishes and reptiles discovered by Dr. F. Silvestri in South America. *Annals and Magazine of Natural History, 7th series* 9:284–288.

Brown R.W. 1954. Composition of Scientific Words: A manual of methods

and a lexicon of materials for the practice of logotechnics. Published by the author, Baltimore.

Castro-Mello C. 2003. Nova espécie de *Bronia* Gray, 1845, do Estado do Tocantins, Brasil (Squamata: Amphisbaenidae). *Papéis Avulsos de Zoologia* 43:139–143. doi: [10.1590/S0031-10492003000700001](https://doi.org/10.1590/S0031-10492003000700001).

Cope E.D. 1862. Catalogues of the reptiles obtained during the explorations of the Parana, Paraguay, Vermejo and Uruguay Rivers by Capt. Thos. J. Page, U.S.N., and of those procured by Lieut. N. Michler, U.S. top. Eng., commander of the expedition conducting the survey o. *Proceedings of the Academy of Natural Sciences of Philadelphia* 14:346–359.

Cope E.D. 1885. Twelfth contribution to the herpetology of tropical America. *Proceedings of the American Philosophical Society* 22:167–194.

Costa H.C., Resende F.C., Teixeira Jr. M., Dal Vechio F., Clemente C.A. 2015. A new *Amphisbaena* (Squamata: Amphisbaenidae) from southern Espinhaço Range, southeastern Brazil. *Anais da Academia Brasileira de Ciências* 87:891–901. doi: [10.1590/0001-3765201520140088](https://doi.org/10.1590/0001-3765201520140088).

Costa H.C., Garcia P.C.A. 2019. Quem são as Anfisbêneas? *Revista da Biologia* 19:19–30. doi: [10.7594/rev-bio.19.01.03](https://doi.org/10.7594/rev-bio.19.01.03).

Costa H.C., Rigolon R.G. 2023. Etimologia e pronúncia dos nomes dos crocodilianos e quelônios do Brasil. *Herpetologia Brasileira* 11:30–53. doi: [10.5281/zenodo.7410962](https://doi.org/10.5281/zenodo.7410962).

Denzer W. 2024. Wagler vs. Fitzinger: *Leposternon microcephalus*, a fight over gender (Sauria, Amphisbaenidae). *Bionomina* 37:70–73. doi: [10.11646/bionomina.37.1.4](https://doi.org/10.11646/bionomina.37.1.4).

Duméril A.M.C., Bibron G. 1839. *Erpétologie Générale ou Histoire Naturelle Complète des Reptiles*. Tome Cinquième. Librairie Encyclopédique de Roret, Paris.

Duméril A.M.C., Duméril A. 1851. *Catalogue méthodique de la collection des reptiles du Muséum d'Histoire Naturelle de Paris*. Gide et Baudry, Paris.

Dunn E.R., Piatt J. 1936. A new *Amphisbaena* from Brazil. *Proceedings of the Academy of Natural Sciences of Philadelphia* 88:527–528.

Estes R., de Queiroz K., Gauthier J.A. 1988. Phylogenetic relationships within squamata. Pp. 119–281, in Estes R., Pregil G. (Eds.) *Phylogenetic Rela-*

tionships of the Lizard Families. Stanford University Press, Stanford.

Frétey T., Dubois A. 2019. The authorship and date of five generic nomina of Squamata and Amphibia published by Cuvier (1816, 1829), with recourse to and comments on twenty Articles of the Code. *Bionomina* 15:1–36. doi: [10.11646/bionomina.15.1.1](https://doi.org/10.11646/bionomina.15.1.1).

Gans C. 1963. Notes on Amphisbaenids (Amphisbaenia, Reptilia). 8. A redescription of *Amphisbaena stejnegeri* and the description of a new species of *Amphisbaena* from British Guiana. *American Museum Novitates* 2128:1–18.

Gans C. 1964a. New Records of *Amphisbaena silvestrii* Boulenger, and the Description of a New Two-Pored Species from the Northern Chaco. *Copeia* 1964:553–561.

Gans C. 1964b. The South American species of *Amphisbaena* with a vertically keeled tail (Reptilia, Amphisbaenidae). Notes on amphisbaenids 15. *Senckenbergiana Biologica* 45:387–416.

Gans C. 1965. On *Amphisbaena heathi* Schmidt and *A. carvalhoi*, new species, small forms from the northeast of Brazil (Amphisbaenia: Reptilia). *Proceedings of the California Academy of Sciences* 31:613–630.

Gans C. 1966. Studies on Amphisbaenids (Amphisbaenia, Reptilia) 3. The small species from southern South America commonly identified as *Amphisbaena darwini*. *Bulletin of the American Museum of Natural History* 134:185–260.

Gans C. 1978. The characteristics and affinities of the *Amphisbaenia*. *The Transactions of the Zoological Society of London* 34:347–416. doi: [10.1111/j.1096-3642.1978.tb00376.x](https://doi.org/10.1111/j.1096-3642.1978.tb00376.x).

Gomes J.O., Maciel A.O. 2012. A new species of *Amphisbaena* Linnaeus (Squamata, Amphisbaenidae) from the state of Maranhão, northern Brazilian Cerrado. *Zootaxa* 3572:43–54.

Gray J.E. 1825. A synopsis of the genera of reptiles and Amphibia, with a description of some new species. *The Annals of Philosophy* 10:193–217.

Gray J.E. 1844. Catalogue of the Tortoises, Crocodiles, and Amphisbaenians, in the collection of the British Museum. Trustees of the British Museum, London.

Gray J.. 1865. A revision of the genera and species of amphisbaenians with the descriptions of some new species now in the collection of the British Museum. *Proceedings of the Zoological Society of London* 1865:442–455.

Gronovius L.T. 1754. Museum ichthyologicum sistens piscium indigenarum and quorundam exoticorum. Theodorum Haak, Leiden.

Guedes T.B., Entiauspe-Neto O.M., Costa H.C. 2023. Lista de répteis do Brasil: atualização de 2022. *Herpetologia Brasileira* 12:56–161.

Gutsche A., Kwet A., Kucharzewski C., Lingnau R., Günther R. 2007. Wilhelm Ehrhardt and an evaluation of his amphibians and reptiles held in the Herpetological Collection of the Museum für Naturkunde, Berlin. *Mitteilungen aus dem Museum für Naturkunde in Berlin – Zoologische Reihe* 83:80–93. doi: [10.1002/mmnz.200600019](https://doi.org/10.1002/mmnz.200600019).

Hemprich W. 1820. Amphisbaenarum generis novas species duas descripsit. *Verhandlungen der Gesellschaft Naturforschender Freunde in Berlin* 1:129–130.

Hoogmoed M.S., Pinto R.R., da Rocha W.A., Pereira E.G. 2009. A New Species of *Mesobaena* Mertens, 1925 (Squamata: Amphisbaenidae) from Brazilian Guiana, with a Key to the Amphisbaenidae of the Guianan Region. *Herpetologica* 65:436–448. doi: [10.1655/08-062.1](https://doi.org/10.1655/08-062.1).

Hoogmoed M.S., Avila-Pires T.C.S. 1991. New species of small *Amphisba-*

ena (Reptilia: Amphisbaenia: Amphisbaenidae) from western Amazonian Brazil. *Paraense Emilio Goeldi Serie Zoologia* 7:77–94.

ICZN – International Commission on Zoological Nomenclature. 1999. International Code of Zoological Nomenclature. International Trust for Zoological Nomenclature, London.

Klappenbach M.A. 1960. Notas herpetológicas, I. *Amphisbaena muñoai* n. sp. (Amphisbaenidae). *Comunicaciones Zoologicas del Museo de Historia Natural de Montevideo* 4:1–12.

Laurenti J.N. 1768. Specimen Medicum, Exhibens Synopsin Reptilium Emendatam cum Experimentis circa Venena et Antidota Reptilium Austriacorum. Joan. Thom. nob. de Trattnern, Vienna.

Linnaeus C. 1749. *Amoenitates academicae; seu dissertationes variae, physicae, medicae, botanicae, antehac seorsim editae nunc collectae et auctae cum tabulis aeneis*. Godofredum Kiesewetter, Stockholm & Leipzig.

Linnaeus C. 1754. Hans Maj:ts Adolf Frideriks vår allernådigste konungs naturalie samling innehållande sällsynte och främmande djur, som bevaras på kongl. lust-slottet Ulriksdahl beskrefne och afritade samt på nådig befallning

utgifne af Carl Linnaeus. Typographia Regia, Stockholm.

Linnaeus C. 1758. Systema naturae per regna tria naturae, secundum classes, ordines, genera, species, cum characteribus, differentiis, synonymis, locis. Tomus 1. L. Salvii, Stockholm.

Lira-da-Silva R.M. 2009. O médico e naturalista luso-Germânico Otto Wucherer e sua contribuição para a história natural No Brasil. *Gazeta Médica da Bahia* 79:3–6.

Merrem B. 1820. Versuch eines Systems der Amphibien. Tentamen systematicis Amphibiorum. Iohann Christian Krieger, Marburg.

Mertens R. 1925. Eine neue Eidechsen-gattung aus der Familie der Leposterniden. *Senckenbergiana Biologica* 7:170–171.

Mones A. 2004. Bio-bibliografia de Juan I. Muñoa

Montero R., Céspedes J. 2002. New Two-Pored *Amphisbaena* (Squamata: Amphisbaenidae) from Argentina. *Copeia* 2002:792–797.

Mott T., Rodrigues M.T., Freitas M.A., Silva T.F.S. 2008. New species of *Amphisbaena* with a nonautotomic and dorsally tuberculate blunt tail from

state of Bahia, Brazil (Squamata, Amphisbaenidae). *Journal of Herpetology* 42:172–175. doi: [10.1670/07-074R2.1](https://doi.org/10.1670/07-074R2.1).

Mott T., Rodrigues M.T., Santos E.M. 2009. A new *Amphisbaena* with chevron-shaped anterior body annuli from state of Pernambuco: Brazil (Squamata: Amphisbaenidae). *Zootaxa* 2165:52–58.

Müller L. 1924. Ueber neue oder seltene Mittel und südamerikanische Amphibien und Reptilien. *Mitteilungen aus dem Zoologischen Museum in Berlin* 11:75–93.

Mut J.A.M. 2018. Notes on the etymology of Aublet's generic names. edicionesdigitales.info.

Oliveira E.C.S., Vaz-Silva W., Santos-Jr. A.P., Graboski R., Teixeira Jr. M., Dal Vechio F., Ribeiro S. 2018. A new four-pored *Amphisbaena* Linnaeus, 1758 (*Amphisbaenia*, Amphisbaenidae) from Brazilian Amazon. *Zootaxa* 4420:451–474. doi: [10.11646/zootaxa.4420.4.1](https://doi.org/10.11646/zootaxa.4420.4.1).

Oppel M. 1811. Ordre II. Reptiles à écailles. Section II. Ophidiens. *Annales du Muséum d'Histoire naturelle* 16:254–295.

Perez R., Borges-Martins M. 2019. Integrative taxonomy of small worm lizards from Southern South America,

with description of three new species (Amphisbaenia: Amphisbaenidae). *Zoologischer Anzeiger* 283:124–141. doi: [10.1016/j.jcz.2019.09.007](https://doi.org/10.1016/j.jcz.2019.09.007).

Peters W.C.H. 1878. Über vier neue amerikanische Amphisbaena-Arten. *Monatsberichte der Berliner Akademie der Wissenschaften zu Berlin* 1878:778–781.

Peters W.C.H. 1879. Über die Amphisbänen und eine zu denselben gehörige neue Art (*Lepidosternon wuchereri*). *Monatsberichte der Berliner Akademie der Wissenschaften zu Berlin* 1879:273–277.

Pinna P.H., Mendonça A.F., Bocchi-glieri A., Fernandes D.S. 2010. A new two-pored *Amphisbaena* Linnaeus from the endangered Brazilian Cerrado biome (Squamata: Amphisbaenidae). *Zootaxa* 2569:44–54.

Pinna P.H., Mendonça A.F., Bocchi-glieri A., Fernandes D.S. 2014. A New Species of *Amphisbaena* Linnaeus, 1758 from a Cerrado Region in Bahia, Northeastern Brazil (Squamata: Amphisbaenidae). *Herpetologica* 70:339–349. doi: [10.1655/HERPETOLOGICA-D-13-00039](https://doi.org/10.1655/HERPETOLOGICA-D-13-00039).

Porto M., Soares M., Caramaschi U. 2000. A new species of *Leposternon* Wagler, 1824 from Minas Gerais, Bra-

zil, with a key to the species of the genus (Amphisbaenia, Amphisbaenidae). *Boletim do Museu Nacional, Nova Série, Zoologia* 412:1–10.

Procter J.B. 1923. On new and rare reptiles from South America. *Proceedings of the Zoological Society of London* 1923:1061–1068.

Pyron R., Burbrink F.T., Wiens J.J. 2013. A phylogeny and revised classification of Squamata, including 4161 species of lizards and snakes. *BMC Evolutionary Biology* 13:93. doi: [10.1186/1471-2148-13-93](https://doi.org/10.1186/1471-2148-13-93).

Ray J. 1693. *Synopsis Methodica Animalium Quadrupedum et Serpentina Generis*. Robert Southwell, London.

Ribeiro S., Vaz-Silva W., Santos-Jr. A.P. 2008. New pored *Leposternon* (Squamata, Amphisbaenia) from Brazilian Cerrado. *Zootaxa* 1930:18–38.

Ribeiro S., Castro-Mello C., Nogueira C. 2009. New Species of Anops Bell, 1833 (Squamata, Amphisbaenia) from Jalapão Region in the Brazilian Cerrado. *Journal of Herpetology* 43:21–28. doi: [10.1670/07-299R1.1](https://doi.org/10.1670/07-299R1.1).

Ribeiro S., Nogueira C., Cintra C.E.D., Da Silva N.J., Zaher H. 2011. Description of a New Pored *Leposternon* (Squamata, Amphisbaenidae) from

the Brazilian Cerrado. *South American Journal of Herpetology* 6:177–188. doi: [10.2994/057.006.0303](https://doi.org/10.2994/057.006.0303).

Ribeiro S., Gomes J.O., Silva H.L.R., Cintra C.E.D., Jr. N.J.S. 2016. A new two-pored species of *Amphisbaena* (Squamata, Amphisbaenidae) from the Brazilian Cerrado, with a key to the two-pored species of *Amphisbaena*. *Zootaxa* 4147:124–142. doi: [10.11646/zootaxa.4147.2.2](https://doi.org/10.11646/zootaxa.4147.2.2).

Ribeiro S., Silveira A.L., Santos-jr A.P. 2018a. A New Species of *Leposternon* (Squamata: Amphisbaenidae) from Brazilian Cerrado with a Key to Pored Species. *Journal of Herpetology* 52:50–58. doi: [10.1670/16-125](https://doi.org/10.1670/16-125).

Ribeiro L.B., Gomides S.C., Costa H.C. 2018b. A new species of *Amphisbaena* from northeastern Brazil (Squamata: Amphisbaenidae). *Journal of Herpetology* 52:234–241. doi: [10.1670/17-028](https://doi.org/10.1670/17-028).

Ribeiro S., Sá V., Santos-Jr A.P., Graboski R., Zaher H., Guedes A.G., Andrade S.P., Vaz-Silva W. 2019. A new species of the *Amphisbaena* (Squamata, Amphisbaenidae) from the Brazilian Cerrado with a key for the two-pored species. *Zootaxa* 4550:301–320. doi: [10.11646/zootaxa.4550.3.1](https://doi.org/10.11646/zootaxa.4550.3.1).

Ribeiro L.B., Gomides S.C., Costa H.C. 2020. A New Worm Lizard Species

(Squamata: Amphisbaenidae: Amphisbaena) with Non-autotomic Tail, from Northeastern Brazil. *Journal of Herpetology* 54:9–18. doi: [10.1670/19-043](https://doi.org/10.1670/19-043).

Ridley H.N. 1890. Notes on the Zoology of Fernando Noronha. *Journal of the Linnean Society of London, Zoology* 20:473–570. doi: [10.1111/j.1096-3642.1886.tb02243.x](https://doi.org/10.1111/j.1096-3642.1886.tb02243.x).

Rigolon R.G. 2019. A Pronúncia do Latim Científico. 2ª Edição. Editora UFV, Viçosa.

Roberto I.J., Brito L.B.M., Ávila R.W. 2014. A new six-pored *Amphisbaena* (Squamata: Amphisbaenidae) from the coastal zone of northeast Brazil. *Zootaxa* 3753:167–176. doi: [10.11646/zootaxa.3753.2.6](https://doi.org/10.11646/zootaxa.3753.2.6).

Rodrigues M.T. 2003. Herpetofauna of Quaternary sand dunes of the middle Rio São Francisco, Bahia, Brazil. VIII. *Amphisbaena arda* sp. nov., a fuliginosa-like checkered patterned *Amphisbaena* (Squamata, Amphisbaenidae). *Phyllomedusa* 1:51–56.

Schmidt K.P. 1936. Notes on Brazilian Amphisbaenians. *Herpetologica* 1:28–32.

Seba A. 1735. *Locupletissimi Rerum Naturalium Thesauri Accurata Descriptio, et Iconibus Artificiosissimis Expressio,*

per Universam Physices Historiam. Tomus II. J. Weststenium, & Gul. Smith, & Janssonio-Waesbergios, Amsterdam.

Stimson A.F. 1972. A new species of *Anops* from Mato Grosso, Brazil (Reptilia: Amphisbaenia). *Bulletin of the British Museum of Natural History (Zoology)* 24:205–212.

Stoll N.R., Dollfus R.P., Forest J., Riddle N.D., Sabrosky C.W., Melville R. V. 1961. International Code of Zoological Nomenclature adopted by the XV International Congress of Zoology. International Trust for Zoological Nomenclature, London.

Strauch A. 1881. Bemerkungen über die Eidechsenfamilie der Amphisbaeniden. *Mémoires de la Academie Imperiale de Science de St. Pétersbourg* 11:45–131.

Strüssman C., Carvalho M.A. 2001. Two new species of *Cercolophia* Vanzolini 1992 from the state of Mato Grosso, western Brazil (Reptilia, Amphisbaenia, Amphisbaenidae). *Bollettino del Museo Regionale di Scienze Naturali di Torino*:487–505.

Strüssmann C., Mott T. 2009. Sympatric amphisbaenids from Manso Dam region, Mato Grosso State, Western Brazil, with the description of a new two-pored species of *Amphisbaena* (Squamata, Amphisbae-

nidae). *Studies on Neotropical Fauna and Environment* 44:37–46. doi: [10.1080/01650520802628295](https://doi.org/10.1080/01650520802628295).

Teixeira Jr. M., Dal Vechio F., Mollo-Neto A., Rodrigues M.T. 2014. A New Two-Pored *Amphisbaena* Linnaeus, 1758, from Western Amazonia, Brazil (Amphisbaenia: Reptilia). *South American Journal of Herpetology* 9:62–74. doi: [10.2994/SAJH-D-14-00004.1](https://doi.org/10.2994/SAJH-D-14-00004.1).

Teixeira Junior M., Dal Vechio F., Recorder R., Cassimiro J., Sena M.A., Rodrigues M.T. 2019. Two new highland species of *Amphisbaena* Linnaeus, 1758 (Amphisbaenia, Amphisbaenidae) from Bahia state, Brazil. *South American Journal of Herpetology* 14:213–232. doi: [10.2994/SAJH-D-17-00097.1](https://doi.org/10.2994/SAJH-D-17-00097.1).

Vanzolini P.E. 1950. Contribuições ao conhecimento dos lagartos brasileiros da família Amphisbaenidae Gray, 1825. Sobre uma nova subespécie insular de *Amphisbaenidae darwinii* D. & B., 1839. *Papéis Avulsos de Zoologia* 9:69–78.

Vanzolini P.E. 1951. Contributions to the knowledge of the Brazilian lizards of the family Amphisbaenidae Gray, 1825. 6. On the geographical distribution and differentiation of *Amphisbaena fuliginosa* Linné. *Bulletin of the Museum of Comparative Zoology* 106:1–67.

- Vanzolini P.E. 1964. *Amphisbaena bahiana* species nov. Reptilia: Sauria: Amphisbaenidae. *Pilot Register of Zoology Card* 8:1.
- Vanzolini P.E. 1971. New Amphisbaenidae from Brasil (Sauria). *Papéis Avulsos de Zoologia* 24:191–195.
- Vanzolini P.E. 1991a. Two further new species of *Amphisbaena* from the semi-arid Northeast of Brasil (Reptilia, Amphisbaenia). *Papéis Avulsos de Zoologia* 37:347–361.
- Vanzolini P.E. 1991b. A third species of *Bronia* Gray, 1865 (Reptilia, Amphisbaenia). *Papéis Avulsos de Zoologia* 37:379–388.
- Vanzolini P.E. 1991c. Two new small species of *Amphisbaena* from the fossil dune field of the middle Rio São Francisco, State of Bahia, Brasil (Reptilia, Amphisbaenia). *Papéis Avulsos de Zoologia* 37:259–276.
- Vanzolini P.E. 1994. A new species of *Amphisbaena* from the state of São Paulo, Brasil (Reptilia, Amphisbaenia, Amphisbaenidae). *Papéis Avulsos de Zoologia* 39:29–32.
- Vanzolini P.E. 1995. A new species of *Amphisbaena* from the state of Mato Grosso, Brasil (Reptilia: Amphisbae-
- nia: Amphisbaenidae). *Papéis Avulsos de Zoologia* 39:217–221.
- Vanzolini P.E. 1996. On slender species of *Amphisbaena*, with the description of a new one from northeastern Brasil (Reptilia, Amphisbaenia). *Papéis Avulsos de Zoologia* 39:293–305.
- Vanzolini P.E. 1997. The *silvestrii* species group of *Amphisbaena*, with the description of two new Brazilian species (Reptilia: Amphisbaenia). *Papéis Avulsos de Zoologia* 40:65–85.
- Vanzolini P.E. 1999. On *Anops* (Reptilia: Amphisbaenia: Amphisbaenidae). *Papéis Avulsos de Zoologia* 41:1–37.
- Vidal N., Hedges S.B. 2005. The phylogeny of squamate reptiles (lizards, snakes, and amphisbaenians) inferred from nine nuclear protein-coding genes. *Comptes Rendus Biologies* 328:1000–1008. doi: [10.1016/j.crv.2005.10.001](https://doi.org/10.1016/j.crv.2005.10.001).
- Wagler J. 1824. *Serpentum Brasiliensium species nova ou histoire naturelle des espèce nouvelle des serpens recueillies et observées pendant le voyage dans l'intérieur du Brésil dans le années 1817, 1818, 1819, 1820 exécuté par ordre de Sa Majesté le Roi de Bavière*, publi. Franc. Seraph. Hübschmanni, Munich.

Wagler J. 1830. Natürliches System der Amphibien, mit vorangehender Classification der Säugthiere und Vögel. Ein Beitrag zur vergleichenden Zoologie. J. G. Cotta'schen Buchhandlung, München, Stuttgart und Tübingen.

Editores: *Julio Cesar Moura Leite, Luciana Barreto Nascimento, Teresa C. S. Ávila-Pires.*